

# Empresa de Pesquisa Agropecuária orienta sobre as pastagens no período chuvoso

Ter 15 outubro

O retorno do período chuvoso é bastante aguardado por pecuaristas e agricultores. No campo, essa fase é muito comemorada, contudo, alguns cuidados devem ser tomados. Na pecuária, por exemplo, o produtor deve seguir um planejamento criterioso para a recondução das vacas aos piquetes.

O pesquisador da [Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais \(Epamig\)](#), Adriano Guimarães, ressalta que 2024 teve um período de seca desafiador em muitas localidades. “O déficit hídrico prolongado, aliado às altas temperaturas, tem favorecido, consideravelmente, a queda da produção e qualidade das pastagens. Atualmente, os pastos se encontram muito secos, o que influencia o consumo de forragem e, conseqüentemente, o desempenho animal”.

De acordo com o Adriano, o pasto deve ter sua estrutura adequada para que possa iniciar um novo ciclo de pastejo bem-sucedido como se espera: forragem tenra, abundante e de elevada qualidade nutricional. E isso requer cuidados e atenção no que se refere à fisiologia das plantas e às peculiaridades de cada espécie forrageira.

“Capins do gênero *Panicum*, normalmente de maior altura e hábito de crescimento cespitoso, não toleram erros grosseiros de manejo, já que podem passar do ponto de pastejo mais facilmente em comparação a algumas espécies de capins, como braquiárias, acumulando hastes (talos) e material morto, com possibilidade de acamamento”, explica.

“Essa alteração na composição morfológica do pasto, ou seja, mudança significativa na proporção folha/haste e acúmulo de material morto no dossel, influencia a apreensão e colheita do pasto pelo bovino com reflexos significativos na ingestão de forragem. Em linhas gerais, têm-se que os animais herbívoros, bovinos no caso, preferem folhas a hastes e podem alterar o tempo de pastejo e/ ou a taxa de bocado como recurso compensatório para melhorar a apreensão e consumo de forragem em pastos com estrutura comprometida (muito altos ou muito baixos), até um certo limite”, acrescenta.

## Confira as recomendações

Para quem trabalha com pastejo intensivo, duas situações merecem destaque:

- 1) Piquetes subpastejados, com bastante macega e a área bastante desuniforme, há necessidade de rebaixamento desse pasto, o que poderá ser feito por roçada mecânica ou pelo estímulo ao pastejo por incremento da carga animal ou taxa de lotação. Com o intuito de estimular o consumo do pasto passado; recomenda-se o fornecimento de suplementos proteicos no cocho;
- 2) Nos piquetes que estão superpastejados, isto é, rebaixados e com pouca macega, o importante é

postergar a entrada dos animais nessas áreas, aguardando a recuperação das forrageiras. Caso contrário, as reservas energéticas das plantas irão exaurir prejudicando o rebrote, o que poderá atrasar todo o ciclo de pastejo ou mesmo contribuir para a degradação desses pastos.

Tecnicamente, o restabelecimento de uma pastagem depende, além de fatores edofoclimáticos (temperatura, luminosidade, umidade e fertilidade do solo), de um adequado índice de área foliar remanescente, o aparato fotossintético da planta forrageira. Pastos rapados demoram mais a se recuperar. Logo, recomenda-se avaliar a adoção de práticas de correção do solo e adubações racionais para reversão das condições de baixa oferta de forragem.

"Adequar a estrutura do pasto e, posteriormente, realizar um manejo ajustado do pastejo que busca equilibrar oferta de forragem e taxa de lotação adequada sem transgredir demasiadamente a capacidade suporte da pastagem, é a chave do sucesso para ciclos de pastejo prósperos. Um pasto pulmão, ou seja, um pasto extra para o remanejamento dos animais do sistema rotacionado, torna-se uma estratégia interessante", finaliza Adriano Guimarães.